



Comunicação para o desenvolvimento - um estudo de caso da Boa Nova FM, a rádio comunitária de Dourados, Mato Grosso Sul¹

Clarissa Josgrilberg Pereira²

Universidade Metodista de São Paulo, Umesp, São Bernardo do Campo - SP

Resumo

A Rádio Boa Nova FM é a única emissora de Dourados, interior de Mato Grosso do Sul, que possui a concessão definitiva para operar como veículo de radiodifusão comunitário. Devido ao importante papel que ela pode exercer no local onde atua, perguntamo-nos se ela cumpre sua real função de veículo comunitário, auxiliando na democratização da informação. Por meio de um estudo de caso, de entrevista aberta realizada com o presidente da rádio e pela análise da programação, levantamos que o veículo sofre ao tentar realizar ações mais efetivas por possuir um público muito amplo. Além disso, a falta de estrutura e de pessoal reflete na ausência de produção de conteúdos próprios. Para desenvolvermos esse estudo nos baseamos, principalmente, em Peruzzo (2003), Tönnies (1995) e Paiva (2007).

Palavras-chave

Comunicação Comunitária; Radialismo; Dourados; Boa Nova FM.

Introdução

A comunicação comunitária é um meio de manter a democracia, de dar voz ao excluídos e de promover a cidadania. Entretanto, os veículos comunitários vivem em uma difícil realidade, pois geralmente possuem dificuldades financeiras e problemas com infraestrutura, além de dependerem de processos burocráticos do governo e de sofrerem com a falta de incentivo dos órgãos governamentais.

Outra questão que envolve a comunicação comunitária é o fato de que mesmo tendo a concessão, muitas delas não agem como deveriam para que o processo comunitário se manifeste; em contrapartida encontram-se muitas ilegais, chamadas de “piratas”, que são efetivamente comunitárias em seus propósitos e serviços. É comum vermos rádios

¹ Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2012. Pesquisa fruto da conclusão da disciplina Comunicação e Sociedade, do Mestrado de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

² Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran) e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do professor doutor José Marques de Melo.



comunitárias com donos, mas, como explica Peruzzo (2007, p.71) “a rádio comunitária não deve ter dono. Ela deve pertencer à comunidade”. Baseando-nos nestas questões citadas, começamos a nós questionar como a única rádio com registro definitivo de veículo comunitário da cidade de Dourados atua na comunidade em que está inserida. Por esta perspectiva perguntamo-nos: a rádio comunitária de Dourados, Boa Nova FM, atua conforme os princípios de uma comunicação comunitária, ajudando, assim, no desenvolvimento local, na democratização da informação e na instrução da população atingida pelo veículo?

Para discutir a problematização, propusemo-nos a desenvolver um estudo de caso sobre o veículo em questão. Para isso, fizemos uma entrevista aberta com o presidente e com um voluntário da Rádio e por meio da pesquisa bibliográfica feita analisamos as atividades que a rádio desenvolve, estipulando, assim, quais características de uma comunicação comunitária estão inseridas no veículo. Também analisamos a programação presente do veículo e notamos que quase não há conteúdos jornalísticos e há grande presença de material religioso.

Objetivamos com a presente proposta avaliar como é realizado o processo comunicacional da Rádio Boa Nova, pois ela é a única que possui, definitivamente, a concessão pública de rádio comunitária no município de Dourados. Dessa forma, o veículo deve atuar segundo os princípios da legislação a que está submetida. Além disso, o veículo é uma das poucas alternativas existentes na cidade de Dourados para o desenvolvimento de uma comunicação participativa, democrática e contra-hegemônica.

Por meio da análise desenvolvida refutamos nossa hipótese inicial e encontramos um problema no veículo quanto à identificação da comunidade que ele envolve. A Rádio se considera da cidade e não só da comunidade onde está inserida, com isso, a diversidade de públicos reflete como um problema na hora de definir a programação, a linguagem e as informações a serem passadas pelo veículo.

1. Comunicação comunitária no radialismo

A comunicação está relacionada ao desenvolvimento da sociedade, é por esta perspectiva que Rubim (2003, p.100) afirma que “[...] a comunicação implica em informação disseminada que desenvolve a cultura política ou democrática instalada e, em uma consequência quase necessária e inevitável, realiza a cidadania”. Entretanto, na prática da mídia brasileira não é bem isso que acontece. Temos um panorama midiático em que poucos



controlam os meios de comunicação de massa e, com isso, esses veículos acabam sendo utilizados para suprir interesses particulares, mesmo que em detrimento do interesse público.

Com esse cenário, grande parte da população deixa de ter acesso às informações que realmente lhes interessam e as comunidades, principalmente de baixa renda, deixam de ter voz. Conforme aponta Cicilia Peruzzo (2003, p.251), a maneira atual de se fazer ser ouvido ocorre “através dos meios de comunicação desenvolvidos pela sociedade, é claro. Se não for através deles, o alcance da voz se torna limitado a pequenas audiências ou a circuitos grupais e interpessoais”. Paiva *apud* Nunes (2007, p.112) aponta que “o local, o regional só são iluminados uma vez que se enquadrem em certos critérios, como os de originalidade, repercussão, conflito, raridade”, logo, na maioria das vezes, o local não se torna notícia.

As mensagens divulgadas pela grande mídia sobre as regiões mais carentes tendem, geralmente, a ver essas localidades por uma perspectiva negativa e os moradores desses locais passam a se ver, na verdade, como a grande mídia os vê. Para exemplificar, na pesquisa realizada por Daniele Próspero no Jardim Ângela, zona sul de São Paulo, a pesquisadora mostra a influência que o jornal comunitário “Becos e Vielás” causou na vida da comunidade. Érica de Souza, uma das jovens participantes do projeto, relatou à pesquisadora que antes de se envolver com o jornal “tinha vergonha de falar que morava na periferia e o nome do meu bairro, da escola. Quando alguém falava mal do bairro, eu chegava até mesmo a concordar” (PRÓSPERO, 2005, p.102). A jovem possuía apenas a visão que as pessoas externas ao bairro têm e, após o envolvimento no projeto começou a notar as coisas boas que lá aconteciam.

Quando os excluídos se vêem como uma comunidade e sentem a necessidade de expor o que pensam e sentem, eles, geralmente, recorrem aos meios de comunicação comunitários e alternativos. Segundo Tönnies, a comunidade é a maneira comum de se viver, é envolta por sentimentos e sempre duradoura e “quanto maior e mais estreito for o vínculo do grupo, mais será compelido a lutar e atuar homogeneamente, particularmente em relação às ameaças externas” (1995, p.232). Nesse mesmo viés, a autora Cicilia Peruzzo (2003, p.246) aponta que “comunidade pressupõe a existência de uma proximidade – que pode ser geográfica, mas que não se limita a ela – e de elos profundos entre os membros, como o sentimento de pertença, identidades e comunhão de interesses”.

A comunidade pode se apropriar de todos os tipos de meios comunicacionais para desenvolver sua voz. Entretanto o rádio é um dos mais utilizados, pois é mais acessível, não exige grandes estruturas e nem equipamentos muito caros - como a televisão -, além de não ser um pré-requisito que a população seja alfabetizada, como no caso dos jornais e da internet. Para Cicilia Peruzzo (2007, p.69), uma rádio pode ser caracterizada como comunitária quando



comunica “uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas”. Ao considerar as rádios comunitárias, Nunes (2007, p.108) dá ênfase à questão da participação, para ela são comunitárias.

as rádios que asseguram a participação plural de amplos segmentos sociais de todos os matizes que compõem uma comunidade, entendida como grupo social [...], que participam de forma organizada e decidem coletivamente os caminhos a serem trilhados pelo grupo, tendo voz ativa nos diferentes canais de participação necessários à estruturação da emissora, tais como vivências políticas, elaboração da programação, etc.

Assim como nos outros veículos comunitários a participação da comunidade é definitiva para o desenvolvimento de um trabalho que realmente represente e atinja o local em que o veículo está inserido. “Em última instância, a rádio comunitária típica é aquela que a comunidade reconhece como sendo sua e por isso a protege e dela participa ativamente” (PERUZZO, 2007, p.71).

É pelos meios de comunicação comunitários que a população pode expor sua voz, entretanto é preciso lembrar que eles também passam por um processo constante de modificação e melhorias. É por esta perspectiva que Peruzzo (2007, p.70) afirma que não é necessário “que uma única experiência comporte ao mesmo tempo todas as dimensões apontadas, pois fazer a comunicação comunitária implica um processo que tende ao aperfeiçoamento progressivo, principalmente, quando assumido coletivamente”. Além disso, a autora mostra que as próprias imperfeições desse tipo de comunicação podem, na verdade, auxiliar na caracterização da comunidade e, por conseguinte, do veículo produzido.

A comunicação comunitária radiofônica está regulamentada pela lei 9.612 de 1998 e entre as normativas que ela determina está a de possibilitar e facilitar o acesso do cidadão aos meios e ter uma programação de interesse social. Entretanto, a lei falha ao não discernir a concessão de veículos comunitários dos outros meios alternativos como educativos e religiosos, “entende-se que uma lei específica que contemplasse estes segmentos atenderia a demandas legítimas por rádio local por parte de microempresários, universidade e irmandades religiosas e evitaria o uso distorcido da radiodifusão comunitária” (PERUZZO, 2007, p.73).

Os veículos comunitários devem auxiliar no desenvolvimento das pessoas e, por isso, precisam contar com a participação ativa da população que a atinge e, ainda, “tratar de temas que dizem respeito à realidade concreta da localidade” (PERUZZO, 2007, p.79). Portanto,



pelo cenário midiático que temos é apenas por meio da comunicação comunitária que a população terá voz e poderá conhecer o que acontece em sua localidade, uma vez que a grande mídia desconsidera esses assuntos e, no geral, tem tendido cada vez mais à abordagem espetacular do que a abordagem para o desenvolvimento do cidadão e de seu senso crítico.

2. Cenário Radiofônico de Dourados

A rádio Boa Nova, objeto de análise deste trabalho, está localizada na cidade de Dourados, no interior de Mato Grosso do Sul. O município possui 198.421 habitantes, segundo os dados divulgados em julho deste ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A cidade de Dourados possui, segundo o Ministério das Comunicações³, quatro rádios FM: a Empresa de Radiodifusão Dinâmica, que opera na frequência 94; a 92,1, conhecida por Grande FM; a Rádio Terra, que embora tenha o registro não atua na cidade; e a conhecida por Rádio Caiuas, que tem o registro por Rádio Dourados do Sul na modulação FM e por Fundação Joaquim José Moreira, na AM, único modo em que ela opera atualmente.

Na modulação AM também há a Rádio Tupinambás, a Rádio Clube e a Rádio Alvorada, que está registrada em nome de “Sociedade Rádio Dourados Ltda” e, na verdade, hoje atua em Itaporã, antigo distrito de Dourados.

Já com registro de Rádio e Televisão, o Ministério das Comunicações reconhece a Rede MS de Integração de Rádio e Televisão, conhecida por FM Cidade (101,9) que, na verdade, tem sua sede em Campo Grande e só algumas programações feitas em Dourados e não atua no meio televisivo. No registro também há a “Rádio e Televisão Record S.A.” e a “Rede Centro Oeste de Rádio e Televisão”, esta corresponde ao registro oficial do “SBT”. Ambas têm autorização, mas também não possuem nenhum canal radiofônico e, inclusive, nenhum canal televisivo. Ainda com o mesmo registro no Ministério das Comunicações existe a Fundação João Paulo II, mantenedora da Rádio Coração (95,7), veículo ligado à Igreja Católica.

Na prática, Dourados conta hoje com três rádios comerciais na modulação FM (92, 94 e 101,9), com uma rádio católica (95,7) e com três que operam na AM. Além disso, há duas rádios comunitárias, a Boa Nova (87,3), que já possui registro definitivo no Ministério das

³ Informação disponível por meio do endereço eletrônico http://www.mc.gov.br/images/dados-sobre-ouorgas/Relao_de_Entidades_por_Localidade.pdf



Comunicações e a Gideões do Canaã⁴, que atua há quatro meses na cidade, possui o registro provisório de funcionamento e também é sintonizada na 87,3.

As rádios comerciais mantêm-se no mesmo sistema que a maioria das emissoras do interior do país, com grande programação musical, que geralmente tocam os sucessos nacionais e intercalam com o pedido do ouvinte e com sorteios de brindes como entradas de festas da cidade. A maioria delas não possui um programa com um formato diferenciado e dedicam pouco tempo ao jornalismo. Apenas a Grande FM é que tem inserido na sua programação um tempo maior para o jornalismo e é a primeira e única a ceder espaço para um programa indígena, mas que ainda está em caráter experimental.

3. A Rádio Boa Nova

A Rádio Boa Nova Dourados MS é a única emissora radiofônica com concessão comunitária definitiva do Ministério das Comunicações existente na cidade de Dourados, conforme demonstra a imagem abaixo. A autorização provisória foi obtida em 2003 e a definitiva em 2005. Entretanto foi em 1994 que a rádio surgiu, ela atuou por um tempo na clandestinidade e depois foi tirada do ar pelos próprios fundadores que decidiram lutar, primeiro, pela regulamentação do veículo.



Relação de Rádios Comunitárias com Licença Definitiva - Brasil

UF	Município	Processo Nº	Aviso	Status	Entidade	Latitude	Longitude	Endereço	bairro	cep	Nome Representante
MS	Deodapolis	53700.000173/01	14	FLD	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DEODÁPOLIS	22S1631	54W0952	Av. Dom Pedro II, 536	Centro		JOSÉ BALDUINO LEITE
MS	Dourados	53700.001154/98	1	LDD	ÁGUA BOA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA - ABAC	22S1437	54W4831	Rua Pureza Carneiro Alves, s/nº	Jardim Água Boa	79812010	Luiz Farias Torres
MS	Eldorado	53700.001294/98	1	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA NOVO ALVORECER	23S4701	54W1652	Rua Rio Grande do Sul, nº 522	Centro	79970000	
MS	Fátima do Sul	53700.002124/98	2	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA FAVO DE MEL - ASCOMFAV	22S2233	54W3052	Avenida Nove de Julho, nº 1055	Centro	79700000	João Hermes Eloi Pieretti
MS	Gloria de Dourados	53700.000082/00	7	LDE	GLÓRIA RÁDIODIFUSÃO CULTURAL E EDUCACIONAL -	22S2502	54W1352	Praça Pedro Pedrossian, 226	Centro	79730000	Díreo Mazurok Brustolim

A Boa Nova está localizada em um espaço anexo à Igreja Católica do Bairro Água Boa e sua origem é relacionada a ela. “Não tínhamos nenhuma experiência com os meios de comunicação, nós só tínhamos a vontade de anunciar uma mensagem e a partir dessa vontade, tínhamos o apoio do nosso padre na época, que hoje é falecido”, conta Luís Farias Torres⁵,

⁴ Informação disponível por meio do endereço eletrônico
<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD26MAR2011.pdf#page=73>

⁵ Entrevista concedida no dia 19 de dezembro, às 11 horas, na sede da Rádio Boa Nova.



presidente da rádio. Embora o veículo tenha surgido de uma proposta de evangelização o caráter que possui não é só religioso. “Às vezes a gente fala evangelização e pode parecer que a gente quer só ficar falando de igreja, não é isso, a gente queria levar para população, como a gente tenta fazer até hoje, toda uma orientação familiar, religiosa, de educação e de formação de pessoas”, explica Luiz Torres.

A emissora está localizada no bairro Jardim Água Boa, periferia do município, e possui cinco funcionários registrados e 30 voluntários que auxiliam na programação da rádio. O presidente, que é um dos idealizadores do projeto, explica que os voluntários “têm a responsabilidade de um programa ou de um momento de oração” e que “muitos deles vão no veículo apenas uma vez por semana e alguns todos os dias”. Em 2006, a rádio agregou um site que transmite informações e permite ouvir a programação de forma on-line. A plataforma é atualizada apenas pelos funcionários da emissora, não conta com a participação de voluntários e, praticamente, não tem produção própria.

Financeiramente o veículo sofre com as mesmas dificuldades da maioria dos veículos de comunicação alternativa, seu custeio. “Somos obrigados a pagar as obrigações como qualquer outra empresa, em contrapartida, nós somos limitados na hora de captar recursos”, diz o presidente, referindo-se à impossibilidade de vender espaços publicitários como os outros veículos de comunicação. No caso dos comunitários a única possibilidade legal de arrecadação no que se refere à publicidade é o chamado apoio cultural, que não permite o anúncio de preços e serviços, apenas do nome das empresas. Mesmo assim, a rádio se mantém com a ajuda mensal dada voluntariamente por algumas pessoas da comunidade e com os apoios culturais.

Uma das diferenças da Rádio Boa Nova para os outros veículos comunitários é o entendimento que possui sobre o público que tem. Enquanto a maioria dos meios de comunicação alternativa está focada em um bairro ou no máximo a alguns bairros, até por que, no caso dos veículos de radiodifusão, o alcance permitido por lei é de até um quilômetro de distância, a Boa Nova compreende que seu público está pulverizado na cidade. Questionado sobre os problemas que a diversidade de público pode trazer ao veículo por representar distintas necessidades e realidades, o presidente diz que “é um preço que a gente se propõe a pagar porque como nós éramos até bem pouco tempo única rádio comunitária da cidade a gente sentia a necessidade de atender todas as regiões da cidade”. O que podemos perceber é que o foco da rádio não é na relação dela com a comunidade, o intuito que tem é o de prestar um serviço diferenciado e oferecer a quem sem interessar por ele.



A programação da rádio é feita em conjunto e aprovada pelo Conselho Comunitário e inclui programas religiosos, de notícias, cultural e de diversão em um modo geral. “Talvez a gente tenha um pouco de dificuldade de levar essa programação porque a gente tem alguns critérios, a gente não toca qualquer tipo de música, nós aqui não divulgamos bebidas alcoólicas, cigarro, essas coisas”, aponta Luiz Torres. O Conselho é formado por cinco Instituições da região, legalmente constituídas e representadas por seus presidentes, são elas: Conselho dos Vicentinos, APM das escolas Capilé, Vilmar Matos, Amor Exigente (AMA) e Associação de Moradores do Jardim Água Boa.

No período de desenvolvimento da pesquisa, de novembro a dezembro de 2011, havia 35 programas que compunham a programação da Boa Nova; desses, 13 musicais, 13 religiosos, quatro de caráter educativo, três diversificados com música, informação, comentários e outros, um cultural e um de notícia. Quanto ao programa noticioso é o “Voz do Brasil”, que é produzido pelo governo federal e vai ao ar em todas as rádios brasileiras às 19 horas. Já os 13 programas religiosos, alguns são produzidos localmente por comunidades de oração e outros são nacionais como, por exemplo, Santa Missa, Terço da Misericórdia e os dois programas do Padre Reginaldo Manzotti. Os programas musicais, que junto com os religiosos constituem a grande parte da programação da emissora radiofônica, possuem apresentações por funcionários ou voluntários da rádio; o primeiro que vai ao ar é o “Boa Nova com você”, que é exibido de segunda a sábado, das 0h às 5h. Já o musical com maior duração é o “Top Hits”, ele é exibido de segunda a sexta, das 13 às 15 horas e apresentado por Neury Paula e objetiva deixar as tardes dos ouvintes mais alegres “cheia de música e boas dicas e muito tititi”⁶.

Na questão de capacitação da comunidade, a Boa Nova ensina pessoas interessadas na área do radialismo por meio de um laboratório prático. Segundo o presidente do veículo, que é formado em Tecnologia de Produção Publicitária, há cinco radialistas que aprenderam a atuar no estúdio da Boa Nova e hoje são contratados por rádios comerciais da cidade. Além disso, para o próximo ano a rádio fechou um convênio com o governo do estado e, com isso, oferecerá os cursos de DJ, de atendimento e telemarketing, locução e de edição e gravação de áudio.

⁶ Programação da Rádio Boa Nova e sinopse dos programas disponíveis em: <http://www.boanova87.fm.br/>



4. Entendendo a presença do comunitário na Boa Nova

Analisar os meios de comunicação comunitários não é uma tarefa fácil, pois eles possuem características muito peculiares e, como os outros veículos, também estão em constante transformação. Assim como muitos outros meios de comunicação comunitários, a Boa Nova ora apresenta características que a enquadram como um meio de comunicação comunitário, ora apresenta aspectos que os distanciam desta característica.

A participação, por exemplo, como já explicitado no referencial bibliográfico pela voz de Peruzzo (2007, p.71) e de Nunes (2007, p.108) é característica importante para uma comunicação comunitária efetiva. É por meio do envolvimento das pessoas da comunidade nos meios de comunicação alternativos que elas se vêem como parte do processo, se sentem integrantes da comunicação e acreditam nela como um meio de transformação. No caso da Boa Nova, há 30 voluntários que participam, mas esta participação se dá de forma muito tímida, se restringe a elaboração de alguns programas e geralmente em um determinado horário de um dia estipulado, não existe muito envolvimento. Além disso, as participações na Boa Nova são limitadas. O site, por exemplo, que poderia ser uma ferramenta de integração entre as pessoas da comunidade, pois permite ser atualizado a qualquer hora e de qualquer lugar só é alterado pelos funcionários da rádio.

A maioria dos voluntários da Rádio conheceu o trabalho desenvolvido pela emissora na Igreja e passaram a fazer parte do trabalho por interesse próprio, como é o caso de Gilson Gonçalves da Silva, 32 anos, que hoje auxilia na elaboração do programa Alternativa Jovem. O voluntário conta que fazia parte de um grupo de jovens da Igreja Católica e queria “dar um passo a mais no processo de evangelização”, com isso, procurou a Rádio para propor a criação do programa e teve sua proposta aceita.

O Alternativa Jovem vai ao ar aos sábados, das 13 às 15 horas, e é feito por Gilson e um funcionário da emissora. O voluntário que está na Rádio há quatro anos conta que conhece oito pessoas que também atuam no voluntariado, mas que, ao todo, deve ter cerca de 30 pessoas auxiliando no trabalho do veículo. Gilson também diz que são feitas reuniões mensais ou trimensais, mas que nem sempre todos participam, “é voluntariado e não pode exigir muito”, diz. Ele também explica que as ações são sempre decididas em conjunto pela diretoria, que também oferece cursos de qualificações.

A própria questão da comunidade é um aspecto muito complexo no caso da rádio analisada. Levando-se em conta que Tönnies afirma que quanto mais intrínseca a relação entre as pessoas de uma comunidade maior a união delas para lutas em comuns, pode-se



apontar que no caso da Boa Nova isto se torna um problema, pois um conceito tão importante para traçar as ações de um veículo não é bem esclarecido pela emissora. Para o presidente da Rádio, o veículo atua para cidade toda, o que o torna difícil de ser caracterizado; as ações realizadas pela Boa Nova também ultrapassam os limites do bairro onde ela está inserida e o conteúdo tem grande foco religioso, principalmente nos princípios católicos, entretanto não é exclusivo desta religião.

Mesmo ao levarmos em conta que Peruzzo (2003, p.246) alerta para o fato da comunidade não precisar ser física, fica difícil definirmos a comunidade da Boa Nova, pois não há fatores específicos que una a população atingida pela comunicação da emissora. Logo, fazer uma comunicação comunitária para quase 200 mil habitantes ou para uma comunidade católica com uma programação que inclui conteúdos evangélicos dificulta que haja, de fato, envolvimento da comunidade com o veículo, pois não se sabe exatamente quem é ela.

A questão da programação é outro fator que exige atenção, como apontado no referencial teórico. Peruzzo (2007, p.69) relata que a rádio comunitária sempre difunde conteúdos de interesse público e da realidade onde está inserida. Entretanto, no caso da Boa Nova, 74% da programação é voltada para conteúdos musicais e/ou religiosos, dentro dos musicais a maior parte são de musicais nacionais, o espaço para a música e para bandas locais é pequeno, já os religiosos têm apresentações locais, embora vários sejam nacionais e, apenas, reproduzidos localmente como os programas do Padre Reginaldo Manzotti. Já parcela disponibilizada para o conteúdo informativo, por exemplo, é mínima e não produzida localmente, como já exemplificado o único programa de cunho jornalístico é o Voz do Brasil, produzido nacionalmente pelo governo federal e, logo, não é voltado à comunidade.

Por outro lado, não se pode desprezar que os conteúdos difundidos pela emissora passam por alguns critérios de crivo como, por exemplo, não exibir músicas cujas letras sejam vulgar ou pornográficas, dessa forma, os conteúdos passados tentam, de alguma forma, contribuir positivamente com a sociedade. Já o site da emissora que, assim como todas as plataformas digitais, não têm limite para a inserção de conteúdos possui pouca atualização, geralmente se restringe a um período do dia, e têm quase todos os seus conteúdos copiados de outros sites da cidade como, por exemplo, a matéria “Murilo anuncia R\$ 4 milhões para Vila São Pedro”, publicada em 16 de dezembro de 2011, que foi produzida por um site da cidade, o Douranews; bem como a matéria “Maior presépio do mundo é aberto à visitação no México”, publicada em 12 de dezembro de 2011, cuja fonte é a Canção Nova.

Há dois aspectos sobre a comunicação comunitária que podemos afirmar que a rádio em análise segue: o de não ter fins lucrativos, cumprindo, assim, a lei que a impede de vender



espaços publicitários e o de tentar manter sua programação com conteúdos diferenciados. Embora a rádio não tenha grande participação da comunidade, o que se reflete na baixa produção de conteúdos, ela tenta manter uma programação diferenciada das outras rádios da cidade, divulgando valores, princípios, dando orientação familiar. Além disso, outro aspecto da rádio que mostra a preocupação dela com a comunidade é o investimento para oferecer cursos de capacitação.

Considerações Finais

A Rádio Boa Nova tem um cenário constituído por muitos elementos similares aos outros veículos comunitários como, por exemplo, o sofrimento para se manter financeiramente. Entretanto cremos que se distingue da maioria ao sofrer com a identificação de sua comunidade; a diversidade e a abrangência dela, que, segundo o presidente, “é um preço que eles optaram por pagar torna muito difícil o ato de delimitar a programação, os conteúdos e as ações a serem feitas pelo veículo”.

Um fator que deve ser levado em consideração é a idade da Rádio, seu tempo de existência é relativamente pequeno e, logo, muito ainda tem para se estruturar na emissora, dado este que o próprio presidente afirmou. Falta clareza por parte da gerência da rádio na hora de delimitar as ações a serem feitas e os objetivos a serem alcançados, pois a amplitude da resposta dada a questões como “o que falamos?” e “para quem?” prejudica na hora de obter dados mais concretos. Outro dado que percebemos é que embora a gestão da rádio tente ser participativa a falta de comprometimento da equipe impacta na hora das decisões serem tomadas, os voluntários pelo cargo que ocupam acabam tendo bastante flexibilização de horários e funções, as reuniões por parte da diretoria também não possuem cronograma fixo, tais questões interferem, de certa forma, nas questões administrativas e o debate de ideias fica restrito.

Embora a Boa Nova sofra inúmeras dificuldades como, por exemplo, com a estrutura e com a saúde financeira e ainda deixe a desejar na programação disponibilizada e na falta de produção de conteúdos, não há como se negar que ela tenta difundir conteúdos diferenciados dos outros veículos existentes na cidade. Talvez a maioria das falhas a que a emissora está submetida surja na falha da própria legislação que não reconhece experiências válidas na comunicação como, por exemplo, as de caráter religioso e educativo e enquadra todas essas ações como comunicação comunitária, deixando os próprios vencedores das concessões do Ministério da Comunicação em situação delicada, exigindo que eles ajam seguindo as leis,



mesmo que essas não reconheçam as ações que desenvolvem e os objetivos em que acreditam. Pelo trabalho desenvolvido na Rádio fica claro que o diferencial da emissora está nas mensagens religiosas transmitidas durante a programação. Entretanto ainda seria necessário um estudo de recepção para se averiguar qual é, de fato, a identificação da comunidade com o veículo.

Referências Bibliográficas

NUNES, Márcia Vidal. Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. . *In*: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade** – os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e Sociedade – textos selecionados. *In*: MIRANDA, Orlando de. (Org.) **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp: 1995.

TORRES, Bruno Araújo. **Rádios comunitárias: necessidade de se reinventar**. Faculdade de Viçosa, Minas Gerais: 2011. Disponível em: Acesso em 26 de dezembro de 2011.

PERUZZO, Cicilia. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. *In*: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade** – os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PERUZZO, Cicilia. Mídia Comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento. *In*: PERUZZO, Cicilia Maria K.; ALMEIDA, Fernando F. de. **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, 2003.

PRÓSPERO, Daniele. **A formação de jovens protagonistas em projetos de jornalismo comunitário em São Paulo**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2005. Disponível em: <http://danieleprospero.files.wordpress.com/2011/05/pesquisa-de-comunicac3a7c3a3o-comunitc3a1ria.pdf>. Acesso em 23 de dezembro de 2011.

RUBIM, Antonio A. C. Cidadania, comunicação e cultura. *In*: PERUZZO, Cicilia Maria K.; ALMEIDA, Fernando F. de. **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, 2003.